

Mudanças Climáticas: o enquadramento do risco em conteúdos jornalísticos na mídia digital

Climate Change: framing risk in journalistic narratives on digital media

Cambio Climático: el encuadre de riesgo en los contenidos periodísticos en medios digitales

Nádia Moragas¹

Resumo: O presente artigo apresenta os resultados de pesquisa empírica na qual objetivamos compreender como o risco associado ao fenômeno migratório no contexto das Mudanças Climáticas foi construído em conteúdos de produtos jornalísticos da mídia de referência e da mídia alternativa, no ano de 2018. Acionamos o conceito de frame (ENTMAN, 1993) para identificar a saliência dada ao risco nos 125 conteúdos analisados, constatando que a noção de risco foi destacada em praticamente toda a amostra. Ao enquadrar determinado aspecto da realidade em um texto comunicativo é proposta uma interpretação causal. Refletimos sobre a importância do jornalismo na formação de uma opinião pública consciente da complexidade do fenômeno, uma vez que a visibilidade dada ao tema reflete na sua percepção junto à audiência. A atividade jornalística também desempenha papel importante no processo da Comunicação de Risco de Desastres (CRD) podendo contribuir com a construção de comunidades resilientes, já que comunidades informadas têm maior capacidade de reagir aos eventos extremos.

Palavras-chave: Mudanças Climáticas. Migração. Enquadramento. Jornalismo. Comunicação de Risco.

Abstract: This article presents the results of empirical research in which we aim to understand how the risk associated with the migratory phenomenon in the context of Climate Change was built in content of journalistic products from the reference media and alternative media, in the year 2018. We used the frame concept (ENTMAN, 1993) to identify the salience given to risk in the 125 contents analyzed, noting that the notion of risk was highlighted in practically the entire sample. When framing a certain aspect of reality in a communicative text, a causal interpretation is proposed. We reflect on the importance of journalism in the formation of a public opinion aware of the complexity of the phenomenon, since the visibility given to the theme reflects on its perception with the audience. Journalism also plays an important role in

¹ Universidade Federal da Bahia, Brasil. E-mail: nadiamoragas@gmail.com.

the Disaster Risk Communication (CRD) process and can contribute to building resilient communities, as better-informed communities have a greater ability to react to extreme events.

Keywords: Climate Change. Migration. Journalism. Risk Communication. Framing.

Resumen: Este artículo presenta los resultados de una investigación empírica en la que pretendemos comprender cómo se construyó el riesgo asociado al fenómeno migratorio en el contexto del Cambio Climático en los contenidos de los productos periodísticos de los medios de referencia y medios alternativos, en el año 2018. El concepto de encuadre (ENTMAN, 1993) para identificar la prominencia que se le da al riesgo en los 125 contenidos analizados, observándose que la noción de riesgo se destaca en prácticamente toda la muestra. Al encuadrar un determinado aspecto de la realidad en un texto comunicativo, se propone una interpretación causal. Reflexionamos sobre la importancia del periodismo en la formación de una opinión pública consciente de la complejidad del fenómeno, ya que la visibilidad dada al tema se refleja en su percepción con la audiencia. El periodismo también juega un papel importante en el proceso de Comunicación de Riesgos de Desastres (CRD) y puede contribuir a construir comunidades resilientes, ya que las comunidades informadas tienen una mayor capacidad de reacción ante eventos extremos.

Palabras clave: Cambio Climático. Migración. Encuadre. Periodismo. Comunicación de riesgo.

1 INTRODUÇÃO

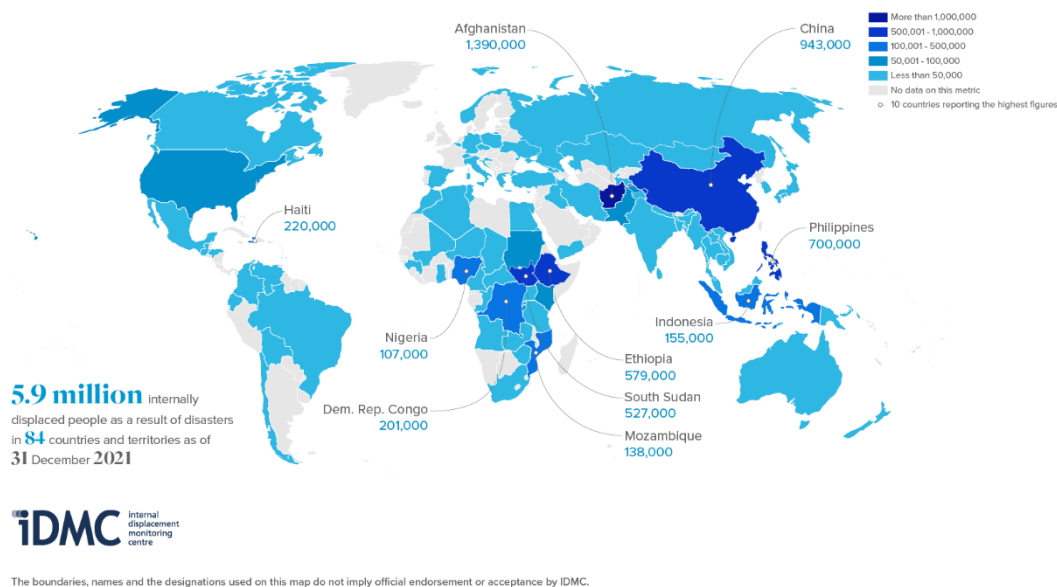
Os deslocamentos humanos forçados pelos eventos extremos climáticos estão se tornando a face humana das Mudanças Climáticas de origem antropogênica. A maior frequência de desastres associados às secas prolongadas, aumento do nível do mar, salinização do solo, inundações decorrentes de tufões, ciclones, entre outros, obrigam cada vez mais indivíduos a abandonar seus locais de origem e buscar abrigo em outras localidades dentro de seus territórios, na maioria das vezes, mas também internacionalmente.

O índice de deslocamento global nunca esteve tão alto. O Internal Displacement Monitoring Center ² (IDMC, 2020) registrou 33,4 milhões de deslocamentos internos decorrentes de conflitos e desastres, em 145 países e territórios, no ano de 2019. Os desastres relacionados ao clima contabilizaram 23,9 milhões de novos deslocamentos. Nas Américas, os dados referem-se a 1.545.000 novos deslocamentos internos. Em 2020, os desastres representaram ³/₄ dos novos deslocamentos.

² Disponível em: <https://www.internal-displacement.org/global-report/grid2022/> Acesso em: Agosto/2022.

Figura 1 – Mapa com número total de deslocados por desastres em 2022

Total number of IDPs by disasters as of 31 December 2021



Fonte: IDMC, 2022.

Em 2018, o relatório “Groundswell: a preparação para migração climática interna”³ apresentou estimativas alarmantes: cerca de 143 milhões de pessoas serão forçadas a migrar internamente devido a mudança climática em apenas três regiões do globo - Ásia, América Latina e África - até 2050.

Vivemos na sociedade de risco (BECK, 2010), na qual os riscos são ilimitados e indefinidos no tempo e espaço, atingem diversas comunidades que não necessariamente tem consciência da sua existência. O risco parte do local para o global com capacidade de atingir a todos, mesmo que de forma desproporcional. Inclusive, quando se trata de riscos associados às mudanças climáticas é preciso reconhecer que a frequência de desastres ambientais está maior

³ Rigaud, Kanta Kumari; de Sherbinin, Alex; Jones, Bryan; Bergmann, Jonas; Clement, Viviane; Ober, Kayly; Schewe, Jacob; Adamo, Susana; McCusker, Brent; Heuser, Silke; Midgley, Amelia. 2018. Groundswell :Preparing for Internal Climate Migration. World Bank, Washington, DC. © World Bank. Disponível em: <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/29461>. Acesso: Setembro/2018.

devido as alterações no clima, mas também pelo aumento da iniquidade social (GIDDENS, 2010).

As Mudanças Climáticas têm caráter multifacetado, sua natureza é "difusa no espaço e no tempo" (CARVALHO, 2011, p.43). O jornalismo tradicional impõe aos fatos características necessárias para torná-los noticiáveis, são os critérios de noticiabilidade (WOLF, 1985). A complexidade das consequências destas alterações no clima e as incertezas desta problemática dificultam a associação de um evento em particular ao processo mais amplo do fenômeno, as ameaças, os riscos costumam ser noticiadas quando já viraram desastres.

Onde há violação dos direitos humanos, o jornalismo deveria estar presente. Mas como furar critérios de noticiabilidade histórica e culturalmente ainda preservados em boa parte da imprensa ocidental? Se nem todo fato ou acontecimento é uma notícia, a mesma lógica parece ser adotada ao falar sobre o sofrimento humano, uma vez que nem todas as dores do mundo são noticiadas (VICTOR, 2018, p.100).

Para que seja reconhecido socialmente o problema precisa ser construído simbolicamente através da identificação, apresentação e debate público (HANNIGAN, 1995). Nesse sentido, o jornalismo ocupa papel central por sugerir quais assuntos são relevantes para integrar a agenda pública (MCCOMBS, 2009), incidindo ainda sobre como os temas serão interpretados, percebidos pela audiência, a partir do enquadramento noticioso (ENTMAN, 1993).

Nos estudos do jornalismo, busca-se compreender como estes quadros são construídos na mídia. O enquadramento noticioso oferece elementos para compreensão da influência da comunicação de uma informação na consciência do indivíduo através de um texto:

Framing envolve essencialmente seleção e saliência. Enquadrar é selecionar alguns aspectos da realidade percebida e fazê-los mais salientes em texto comunicativo, de maneira a promover uma definição de problema particular, uma interpretação causal, uma avaliação moral, e/ou recomendar uma solução para o item descrito (ENTMAN, 1993, p. 52).

Neste artigo apresentamos os resultados obtidos em nossa tese doutoral (MORAGAS, 2019) no que diz respeito ao enquadramento do risco associado às causas e consequências do fenômeno migratório, observando se a percepção de risco difere entre produtos provenientes de países que estão recebendo indivíduos deslocados, de países cuja população está em deslocamento.

Analizamos 125 conteúdos. Os produtos jornalísticos que foram corpus desta pesquisa foram: The New York Times⁴ (USA), El País⁵ (Espanha), Al Jazeera⁶ (Qatar), The Guardian⁷ (Nigéria), Mediapart⁸ (França), The Conversation⁹ (Austrália), The Quint¹⁰ (Índia) e Outras Palavras¹¹ (Brasil). O recorte temporal foi o ano de 2018. Aplicamos a metodologia de análise de conteúdo qualitativa (BARDIN, 2005). Para compreender a percepção de risco associada às MCs em associação com migração sua relação com o enquadramento (LOOSE, 2014; 2016) acionamos o conceito de enquadramento (*frame*) (ENTMAN, 1993). Analizamos os produtos na mídia digital através da busca nos conteúdos pela palavras-chave: risco e suas respectivas traduções para o inglês e espanhol, risk/riesgo.

Partimos da hipótese de que o enquadramento do risco associado às causas e consequências do fenômeno migratório seria destacado nos elementos de abertura, ou seja, título, subtítulo ou lide jornalístico, dos conteúdos de produtos provenientes das regiões nas quais a população está em deslocamento. Enquanto nos produtos de países que estão recebendo deslocados o risco seria apresentado sem destaque ao longo do texto.

2 COMUNICAÇÃO DE RISCO E JORNALISMO

A sociedade contemporânea pode ser designada como sociedade de riscos. Este conceito, concebido pelo teórico social alemão Ulrich Beck, em 1986, apresenta três características da sociedade de riscos: ela é globalizada, individualizada e reflexiva. O autor considera que o risco na sociedade atual é diferente do risco no período da revolução industrial, que estava limitado no espaço e tempo e a grupos específicos que tinham consciência do mesmo, o que os permitia escapar do risco ao deslocar-se no tempo/espaço.

Na atualidade, os riscos podem ser ilimitados e indefinidos no tempo e espaço, atingem diversas comunidades que não necessariamente tem consciência da sua existência, torna-se cada vez mais difícil, senão impossível, escapar do risco, seria possível optar entre riscos. Na

⁴ <https://www.nytimes.com/>

⁵ <https://elpais.com>

⁶ <https://www.aljazeera.com/>

⁷ <https://guardian.ng/>

⁸ <https://www.mediapart.fr/>

⁹ <https://theconversation.com/global>

¹⁰ <https://www.thequint.com/international>

¹¹ <https://outraspalavras.net/>

sociedade atual o risco é indefinido, parte do local para o global com capacidade de atingir a todos, mesmo que de forma desproporcional (BECK, 2010). Inclusive, quando se trata de riscos associados às mudanças climáticas é preciso reconhecer que a frequência de desastres ambientais está maior devido as alterações no clima, mas também pelo aumento da iniquidade social. A iniquidade social dos riscos também é destacada por Giddens (2009).

Apesar dos riscos não se restringirem a fronteiras ou a classes sociais, afetam majoritariamente os países mais pobres, as comunidades em maior situação de vulnerabilidade. De acordo com o Least Developed Countries¹² (LDC, sigla em inglês) dentre os 47 países menos desenvolvidos do mundo, 33 estão localizados na África, região marcada pela pobreza e maior vulnerabilidade ambiental, inclusive, pela insuficiência de recursos para construir resiliência e mitigar os impactos dos extremos climáticos. Importante perceber que estes países pouco contribuíram com as emissões de gases de efeito, uma vez que os maiores emissores são China e Estados Unidos, respectivamente com 26,8% e 13,1%, do total de emissões globais em 2017.

Sendo assim, fica evidente que o risco na sociedade atual expõe comunidades de forma desigual. A percepção dos riscos também pode diferir, uma vez que a capacidade de reflexividade (GIDDENS, 1991) da sociedade também depende da comunicação que se faz destes riscos. Comunidades mais bem informadas sobre os riscos conseqüentemente têm mais capacidade de buscar alterações dos cenários que colocam em vulnerabilidade sua existência: “A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz da informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter” (GIDDENS, 1991, p. 39).

A Comunicação de riscos desempenha papel fundamental no que diz respeito a construção de comunidades resilientes, oferece parâmetros para auxiliar a governança, as agências competentes a promover ações de enfrentamento, prevenção, mitigação e/ou adaptação, e busca ainda formas adequadas para informar o público em geral (VICTOR, 2015). A definição de Comunicação de risco adotada pelo National Research Council desde 1989 é:

¹² Fonte: Least Developed Countries (LSD). Disponível em: <https://unctad.org/en/Pages/ALDC/Least%20Developed%20Countries/LDC-Map.aspx>.

(...) um processo interativo de troca de informação e opiniões entre indivíduos, grupos e instituições. Ele envolve múltiplas mensagens sobre a natureza do risco e mensagens não estritamente sobre riscos que expressem preocupações, opiniões ou reações às mensagens de riscos ou planos legais e institucionais de gerenciamento de riscos (STERN, FINEBERG, 1996, p. 27 apud VICTOR, 2015, p. 9)

Nos anos 80, uma maior preocupação da sociedade com relação aos riscos ambientais e de saúde foram identificadas por autoridades norte-americanas, resultando na constatação da necessidade de formas mais eficientes de comunicar sobre os riscos de modo a auxiliar as agências competentes a reduzir o desnecessário sofrimento humano causado pelas incertezas com relação aos riscos (STERN, FINEBERG, 1996).

O risco ambiental é entendido como “a possibilidade de que a saúde humana ou ambiente sofram danos em resultado da presença de perigos ambientais” (EPA - United States Environmental Protection Agency) sendo que tais riscos podem ser “produzidos pelo homem ou derivados de causas naturais” (ABKOWITZ, 2002 apud SERRA, 2002).

A cobertura da mídia de alguns acidentes ambientais, como o de Chernobyl, na Ucrânia, em 1986, deixou evidente a necessidade do estabelecimento de uma comunicação de risco. Perigo e risco estão intimamente relacionados, mas não são a mesma coisa. A diferença não reside em se um indivíduo pesa ou não conscientemente as alternativas ao contemplar ou assumir uma linha de ação específica. O que o risco pressupõe é precisamente o perigo (não necessariamente a consciência do perigo). Qualquer um que assume um "risco calculado" está consciente da ameaça ou ameaças que uma linha de ação específica pode pôr em jogo. Mas é certamente possível assumir ações ou estar sujeito a situações que são inerentemente arriscadas sem que os indivíduos envolvidos estejam conscientes do quanto estão se arriscando. Em outras palavras, eles estão inconscientes dos perigos que correm.

(...) O risco não é apenas uma questão de ação individual. Existem "ambientes de risco" que afetam coletivamente grandes massas de indivíduos — em certas instâncias, potencialmente todos sobre a face da Terra, como no caso de risco de desastre ecológico ou guerra nuclear (GIDDENS, 1991, p. 37).

A Comunicação de Riscos de Desastres (CRD) é uma das mais importantes ferramentas para a redução do risco de desastres, é condição necessária para garantir o direito de todos de participar dos processos de tomadas de decisão que impactam diretamente suas vidas, ou seja, é instrumento de democratização. Nesse sentido, carece da efetiva interação e diálogo entre interlocutores, buscando impedir a ampliação de ocorrências que ampliem socialmente o risco,

como informações que geram pânico, desorientação e desconfiança. A principal referência atual para redução de riscos de desastres e seus impactos é o Marco de Sendai, estabelecido em 2015, que oferece diretrizes com planos de ação, esforços de todos os setores sociais. Dentre as prioridades do plano estão: o estabelecimento de ações que promovam maior compreensão do risco de desastres, fortalecimento da governança para gerenciar riscos, investimento em projetos de resiliência e preparação de plano de resposta a desastres. Em função da complexidade das questões intrínsecas aos riscos, sua comunicação é desafiadora, porém crucial por garantir o acesso a informações, já que garantindo a transferência de conhecimento e possibilitando a criação de modelos de educação, formal e informal, é ofertado às futuras gerações mais capacidade de lidar com este problema de ordem global (VICTOR, 2015, p. 10-11).

A mediatização dos riscos ambientais desempenha funções: 1) no agendamento e enquadramento (MCCOMBS; SHAW, 2000), sugerindo sobre quais riscos pensar e como pensar sobre eles; 2) na intermediação, uma vez que os media estabelecem conexões, em ambos sentidos, entre os poderes políticos, econômicos, científicos e os cidadãos; e 3) na legitimação da tomada de decisão, já que os media funcionam como um fórum no qual os riscos são analisados, discutidos na sua multiplicidade, são levantadas hipóteses para solução, consideradas decisões relativamente consensuais (SERRA, 2009, p. 4).

Foram identificadas cinco tendências da mídia na comunicação dos riscos ambientais: 1) noticiam o ambiente enquanto acontecimento (ex. Dia da Terra), catástrofes (ex. acidentes nucleares) ou eventos político-administrativos (ex. Conferências, relatórios). Mesmo os processos como aquecimento global, poluição (ou migração, por exemplo) são transformados em acontecimento o que implica uma produção que aponta causas imediatas - responsáveis individuais - e não refletem sobre as causas, as questões de longo prazo, a natureza econômica, política e cultural. 2) baseiam seu discurso em “fontes oficiais”, nomeadamente, ligadas a governos, instituições públicas e empresas 3) os media têm dificuldade em enquadrar as “notícias ambientais” em outras seções/editoriais dos jornais - pela multiplicidade de aspectos que as problemáticas ambientais envolvem, o que acaba por diminuir a relevância que poderiam/deveriam ter. 4) privilegiam histórias que envolvem polêmica e sensacionalismo; 5) ao usarem do discurso da objetividade acabam por ouvir “ambas as partes”, o que deixa o leitor

na indefinição, somadas à dificuldade de lidar com os temas científicos/ pericial (HANNIGAN, 1995).

O jornalismo desempenha um papel importante como integrante da comunicação de riscos. A lógica discursiva do jornalismo impõe aos fatos a necessidade de reunirem atributos considerados suficientemente relevantes, atuais, novos, de interesse público, entre outros, para se tornarem notícia. Refere-se ao processo de seleção dos fatos que serão elevados a acontecimentos, a operacionalização desta seleção se dá através dos critérios de noticiabilidade.

Os jornalistas aferem graus de importância aos fatos a partir de seus conhecimentos teóricos e adquiridos na prática, bem como tendo em vista à linha editorial do produto, a seleção das fontes de informação que serão consultadas, e ainda, do público-alvo da publicação (KALIBERDA; PONTES; ROCHA, 2018).

Portanto, cada acontecimento deve possuir um conjunto de características para ser transformado em notícia. A noticiabilidade do fato é determinada a partir de critérios de relevância, trata-se de um conjunto de requisitos exigidos ao acontecimento ao longo de todo o processo produtivo para que o mesmo adquira a existência pública de notícias:

Pode também dizer-se que a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher entre um número imprevisível e indefinido de fatos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias (WOLF, 1985, p. 190).

É preciso reconhecer que o jornalismo não lida apenas com o inesperado, a lógica enunciativa trata da relação entre evento e significação. “A grande maioria dos estudos do jornalismo trabalha com a concepção que a prática jornalística trata apenas de fatos, o que não é verdade. Existe uma primeira diferença, em geral, não desconhecida entre “fato e acontecimento” (SEIXAS, 2009, p. 77). De modo geral, o fato é o resultado de uma ação passada enquanto o acontecimento é processual, se apresenta na atualidade. Existem acontecimentos em ocorrências assim como acontecimentos previsíveis, com certo grau de probabilidade de ocorrer.

Na atualidade, a perspectiva do jornalismo enquanto objeto em movimento “exige novas formas de conceituar e pesquisar as práticas jornalísticas para além de processos de ‘rotinizar o inesperado’ (TUCHMAN, 1978) nas pequenas e grandes instituições midiáticas” (DEUZE e WITSCHGE, 2016).

Reconhecer o que é notícia se tornou mais complexo no mundo da pós-verdade, das inovações, do algoritmo-gatekeeper, da proliferação de fake news, o que revela que a noticiabilidade é um processo fundamental da prática jornalística. Os critérios de noticiabilidade estão presentes em todo processo produtivo, os valores-notícia são atributos exigidos aos fatos ou fenômenos, mas não são suficientes para torná-los noticiáveis, há fatores extrínsecos que interferem nesse processo. suficientes para torná-los noticiáveis, há fatores extrínsecos que interferem nesse processo. Estudo desenvolvido no âmbito do Núcleo de Estudos em Jornalismo/UFBA (NJOR) constatou que existem critérios de noticiabilidade originados na associação entre intrínseco e extrínseco.

A observação das associações nos mostrou que existem critérios de noticiabilidade originados na associação. A tese a ser desenvolvida aqui é: a noticiabilidade é gerada através da associação entre elementos (SEIXAS, 2018, p. 334-366).

Muitas vezes as crises humanitárias ficam invisíveis ou opacas na esfera pública devido ao seu caráter contínuo, prolongado, o que é visto como naturalidade sem fator que rompe com cotidiano, assim não são selecionadas para figurar na agenda midiática, porém a violação dos direitos humanos deveria ser vista como suficiente para se tornar noticiável pelo jornalismo. “Se nem todo fato ou acontecimento é uma notícia, a mesma lógica parece ser adotada ao falar sobre o sofrimento humano, uma vez que nem todas as dores do mundo são noticiadas” (VICTOR, 2018, p. 100).

Embora o risco traga forte potencial de noticiabilidade (ao contrário das incertezas), inclusive, tendo sido considerado como valor-notícia (BELMONTE *et al.*, 2014) a questão permanece, porque alguns riscos são noticiados e outros não. A cobertura midiática do risco é seletiva devido a própria lógica do jornalismo.

Há alguns pontos que precisam ser considerados quando se toma o risco como um fator de noticiabilidade. Primeiro, o grau de força de cada critério de noticiabilidade sempre é avaliado em relação aos outros que estão disponíveis. Segundo, caso haja aceitação que se vive em uma sociedade de riscos (BECK, 2010), estes deixam de ser algo excepcional ou raro e passam a ser contínuos e constantes – e o que não foge à normalidade do cotidiano não é considerado notícia. Terceiro: a própria seleção do que representa ou não um risco varia de ator para ator, não sendo possível afirmar que todos os jornalistas 'captarão' um acontecimento em razão de seu potencial risco (LOOSE, 2016, p. 106).

A importância da atividade jornalística na construção de uma opinião pública mais consciente da complexidade desta problemática, assim como seu papel no processo da

comunicação de risco, envolve o reconhecimento de que a maneira como o risco é construído na narrativa reflete no modo como o problema será interpretado pela audiência.

3 ENQUADRAMENTO DO RISCO

O presente artigo apresenta os resultados relativos ao objetivo específico da nossa tese doutoral (MORAGAS, 2019) de compreender como o risco associado ao fenômeno migratório em decorrência das Mudanças Climáticas, suas causas e consequências, foi enquadrado nos produtos corpus deste estudo. Observamos se o destaque dado ao fator de risco seria distinto entre produtos localizados em regiões que estão recebendo os deslocados de locais cujas populações estão em êxodo. Para isso, acionamos o conceito de enquadramento (frame) (ENTMAN, 1993) que envolve seleção e saliência de determinado aspecto da realidade para apresentação em um texto com o intuito de definir um problema, uma intenção, uma avaliação moral ou indicar uma solução.

Erving Goffman, na obra “Frame Analyses”, de 1974, sugere que as notícias são construídas socialmente a partir dos frames, que seriam quadros cognitivos (inconscientes) acionados pelas pessoas para compreensão da realidade. Tais frames seriam passados através do discurso jornalístico aos seus consumidores.

Estudos [...] têm também indicado que as explicações dos eventos presentes nas notícias podem servir como contexto para que os consumidores destas notícias debatam o significado dos eventos, mesmo se os participantes do evento tenham compreensões dissidentes sobre uma mesma ocorrência. Hoje, discussões do movimento anti-bélico ainda refletem a linguagem da mídia. Por exemplo, jovens rapazes que recusaram servir no Vietnã são comumente referidos como “desertores” (termo utilizado pela mídia), mais do que “resistência”, como eles preferem ser chamados. As palavras “desertores” e “resistência” implicam em diferentes orientações políticas desses homens e a relação deles com o país e a guerra (TUCHMAN, 1978, p. 2).

As experiências sociais são organizadas cotidianamente entre as pessoas ou situações. A partir de quadros cognitivos, denominados como frames primários, os indivíduos compreendem o sentido dos cenários que se apresentam ao seu redor. Os quadros são padrões cognitivos que os humanos apreendem a partir da natureza, dos meios social e cultural (GOFFMAN, 1974).

Os frames são “princípios organizadores socialmente compartilhados e persistentes ao longo do tempo, que trabalham simbolicamente para estruturar significativamente o mundo

social” (REESE, 2001, p. 5). As estratégias utilizadas pelos meios de comunicação para a construção do acontecimento jornalístico revelam-se logo de início com a escolha do foco da narrativa:

A construção da cena do acontecimento, ou melhor, das cenas passa pela fase inicial de focalização, mas avança para uma determinação cognitiva, através de enquadramento que deve ser interpretado à luz de um tipo de problema que ele simboliza. É a fase do *framing* ou das proposições de quadros interpretativos em relação ao acontecimento que está sendo intensivamente coberto (FERREIRA, 2013, p. 43).

Partimos, portanto, do pressuposto de que tanto as notícias quanto os riscos são construções sociais. Desta maneira, elaboramos questões que nortearam nossa análise: como o risco foi apresentado nas matérias, com ou sem o uso da palavra risco (*risk/ riesgo/ risque*)? Qual foi a saliência dada ao risco no conteúdo? O risco apareceu no título, subtítulo, primeiro parágrafo ou ao longo do texto jornalístico?

A lógica discursiva do jornalismo é baseada na hierarquização do conteúdo a partir do critério de relevância, desta maneira, os aspectos mais relevantes tendem a ser trazidos nos elementos de abertura, ou seja, no título, subtítulo e lide. Reconhecemos que na produção para mídia digital surgem novos modelos de estruturação da informação, apropriados por jornalistas bem como por usuários, como o de “pirâmide deitada” (CANAVILHAS, 2007), por exemplo, que ocorre em níveis de leitura, já que a estruturação da informação na web conta com o potencial de ser hipertextual. Entretanto, neste modelo a unidade base é um texto que reúne as principais informações sobre determinado assunto. Por isso, consideramos que o risco foi salientado nos conteúdos analisados quando apresentado em um ou mais destes elementos de abertura.

Tabela 1 – Enquadramento de risco nos elementos de abertura dos conteúdos da amostra

Produtos	NYTimes	El País	Al Jazeera	The Guardian
Elementos de abertura	50%	46,10%	75%	41,60%
Produtos	Mediapart	The Conversation	Outras Palavras	The Quint
Elementos de abertura	33,33%	32,43%	83,33%	50%

Fonte: (MORAGAS,2019)

Observamos que o risco foi apresentado em praticamente todos os conteúdos (125) analisados, sendo que não foi abordado em apenas 3,96% da amostra. Identificamos que, com ou sem o uso da palavra, a percepção de risco atrelado tanto à causa do deslocamento - os extremos climáticos como secas, enchentes, furacões, aumento do nível do mar - quanto às consequências do fenômeno migratório - impactos políticos, econômicos, sociais - foi salientado nos elementos de abertura dos conteúdos analisados.

No The New York Times o risco foi apresentado predominantemente sem o uso da palavra. Em 50% da amostra a noção de risco apareceu nos elementos de abertura, ou seja, no título, subtítulo ou primeiro parágrafo. Apenas uma matéria trouxe o termo no título “*Study Warns of Cascading Health Risks From the Changing Climate*”. No texto a relação entre risco e o fenômeno migratório é estabelecida: “*Multiple cities will be uninhabitable and migration patterns will be far beyond those levels already creating pressure worldwide*”.

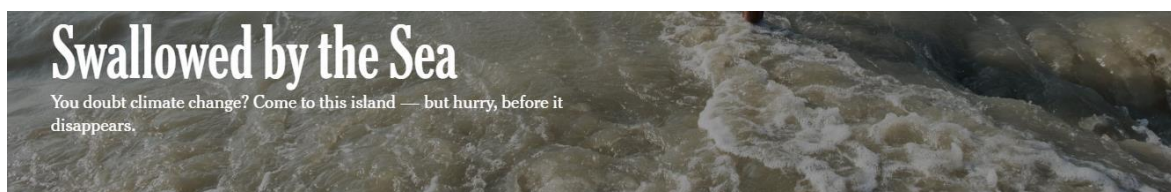
Figura 2 – Enquadramento de risco nos elementos de abertura no NYTimes no dia 28/12/2018



Fonte: NY Times.

Em outros conteúdos a palavra ‘*risk*’ apareceu ao longo do texto, apesar do risco já ter sido trazido sem o termo no título e subtítulo, como na matéria “*Swallowed by the sea*”, cujo subtítulo “*You doubt climate change? come to the island - but hurry, before it disappears*”. Ao longo do texto a dimensão do risco é revelada: “*In Bangladesh, tens of millions of children and families are at risk of losing their homes, their land and their livelihoods from rising sea levels, flooding and increased cyclone intensity*”. O subtítulo de matéria destaca a quantidade de pessoas sob risco de se tornarem deslocados devidos aos eventos de extremos climáticos: “*A World Bank report concludes that more than 143 million people will become “climate migrants” escaping crop failure, water scarcity and sea-level rise*”.

Figura 3 – Risco é apresentado a partir da noção de ameaça em matéria no NYTimes no dia 19/02/2018



Zainal Abedin stands near the spot where remnants of his family home on the Bangladeshi island of Kutubdia sit underwater.
Thomas Nybo/Redux, for Unicef



By Nicholas Kristof

Jan. 19, 2018



[Leer en español](#)

KUTUBDIA, Bangladesh — Anyone who doubts climate change should come to this lovely low-lying island, lapped by gentle waves and home to about 100,000 people.

But come quickly, while it's still here.

Fonte: NY Times.

No jornal europeu El País todos os conteúdos apresentaram o risco atrelado ao fenômeno ou aos deslocados, sendo que em 46,1% da amostra o risco foi enquadrado nos elementos de abertura. Nas matérias nas quais o termo foi empregado no texto, a noção de risco já tinha sido trazida nos elementos de abertura através da ideia de ameaça, exposição, possível afetação, deslocamento.

Figura 4 – O risco é apresentado nos elementos de abertura de matéria no El País no dia 20/03/2018

The screenshot shows the top navigation bar of the El País website. It includes language options (ESP, AME, BRA, CAT, ENG), a search bar, and a 'SUSCRÍBETE' button. Below the navigation bar, the main header features the 'EL PAÍS' logo and the word 'INTERNACIONAL'. A secondary navigation bar lists various topics like 'EUROPA', 'EE UU', 'MÉXICO', etc. A blue 'AVANCE' button is visible, followed by a snippet of the article's text: 'Consulte la portada de EL PAÍS, Edición Madrid, del viernes 20 de septiembre'. The main article title is 'El cambio climático llevará a 17 millones de personas a la migración interna en América Latina hasta 2050'. Below the title is a sub-headline: 'Casi cuatro millones de mexicanos y centroamericanos se verían obligados a dejar sus hogares por la subida del nivel del mar y la menor producción agrícola, según el Banco Mundial'. Social media sharing icons for Facebook, Twitter, and WhatsApp are present, along with a '10' comment count. At the bottom, the authors 'SANDRO POZZI' and 'IGNACIO FARIZA' are listed, along with the date and time: 'Nueva York / México - 20 MAR 2018 - 06:15 BRT'.

Fonte: El País.

Neste conteúdo, o termo é utilizado no texto: *“En las regiones de África subsahariana, Asia del Sur y América Latina - que conjuntamente suman más de la mitad de la población mundial en vías de desarrollo- casi el 3% de las familias corren riesgo de tener que migrar de una zona a otra de su propio país en 2050 para escapar de los efectos del cambio climático”*.

Identificamos o risco em outras matérias através de expressões e sequências narrativas como: *“riesgo de abandono de tierras”, “riesgos e impactos del cambio climático”, “ los riesgos del descontrol ambiental”*; e em trecho: *"cada año 21,5 millones de personas tienen que abandonar sus hogares, desplazándose forzosamente dentro de su propio país a otro, por causas relacionadas con el clima."*

Figura 5 – Risco é apresentado a partir de projeção da ONU em texto do El País no dia 26/06/2018

The image shows a screenshot of a news article from El País. At the top, there is a navigation bar with the El País logo and the word 'OPINIÓN'. Below this is a secondary navigation bar with links for 'EDITORIALES', 'TRIBUNAS', 'COLUMNAS', 'VIÑETAS', 'VÍDEOS', 'CÓMO COLABORAR', 'CARTAS A LA DIRECTORA', 'NUESTRAS FIRMAS', and 'QUIENES SOMOS'. A blue banner below the navigation bar says 'AVANCE' and 'Consulte la portada de EL PAÍS, Edición Madrid, del viernes 20 de septiembre'. The article is categorized under 'TRIBUNA' and has the title 'Demografía y migraciones futuras'. The main text discusses the impact of climate change on migration, citing UN projections that 200 million people will be displaced by 2050. A quote from the Paris Climate Summit is included, stating that no action has been taken to protect these refugees. A highlighted box contains the text: 'Hace falta decir la verdad a la opinión pública, pues los extranjeros vienen y vendrán'.

Fonte: El País.

No Mediapart, produto francês, o risco foi apresentado predominantemente no texto, com ou sem uso da palavra, um exemplo é o conteúdo intitulado “*Asile et migrations, par Daniel Tanuro*”. No trecho a seguir, a associação dos deslocados à noção de risco por serem representados como uma invasão que ameaça empregos, salários, entre outros: “*En vérité, ayons l’honnêteté intellectuelle de le reconnaître: « lutter contre les causes des migrati-ons »*”

n'est pas une réponse à la « crise migratoire ». C'est plutôt une tentative de la gauche au Nord de répondre, sans se renier elle-même, à l'impact dans la population de l'idée qu'il y a une « invasion » de migrant.e.s et que cette « invasion » menace « nos » salaires, « nos » emplois, « notre » sécurité sociale, « notre » culture, etc.”

No The Conversation o risco foi apresentado predominantemente no texto com ou sem uso do termo. O risco foi destacado nos elementos de abertura em 32,43% da amostra. Na matéria “*Climate change is triggering a migrant crisis in Vietnam*” apesar da palavra risco não ser utilizada, a causa da migração é trazida no título. Neste exemplo, a palavra é utilizada no título: “*Australia’s coastal living is at risk from sea level rise, but it’s happened before*”. Neste caso, no primeiro parágrafo é destacada a relação entre o clima e a migração forçada: “*Since then the idea that climate change has caused and will cause human conflict and mass migrations has become more and more accepted – just look at the claimed effects of droughts in Syria and Ethiopia*”.

Nos produtos jornalísticos The Guardian (Nigéria/África), Al Jazeera (Qatar/Oriente Médio) e The Quint (Índia), localizados nas regiões mais vulneráveis aos extremos climáticos e conseqüentemente a terem suas populações em êxodo, foi predominante a apresentação do risco, mas sem o uso da palavra. Nestes casos, o risco apareceu através de efeitos calculáveis, estimativas e projeções. Foram utilizadas palavras como ameaça, impacto, desastre, bem como sequências como: migração forçada, atenção urgente, principal desafio, pessoas deslocadas, conseqüências catastróficas, tempestades devastadoras, pessoas vulneráveis, entre outras.

Nos conteúdos publicados pela Al Jazeera o risco teve destaque nos elementos de abertura em 75% da amostra, confirmando parcialmente nossa hipótese de que o risco é percebido com maior intensidade e reportado refletindo essa percepção em locais onde as populações estão em êxodo, já que no The Guardian (41,60%) e The Quint (50%) o risco também foi trazido, mas sem o mesmo destaque que no produto do Oriente Médio.

Na Al Jazeera a matéria “*Rising sea levels threaten UNESCO site in Senegal*”, cujo subtítulo “*Saint louis, a UNESCO heritage site, home to more than 300 years of colonial history, is under **threat** from rising sea levels*”, o risco está atrelado ao aumento do nível do mar e é percebido pela palavra “*threat*”. No texto, a conseqüência do aumento do nível do mar é destacada: “*Now, hundreds of climate migrants are on the move*”.

Figura 6 – O risco é salientado nos elementos de abertura de matérias do Al Jazeera

The image shows two screenshots from the Al Jazeera website. The left screenshot is for an article titled "Senegal's Sinking Villages" with a sub-headline "Global climate change and an engineering 'quick fix' have created an ecological disaster on Senegal's Atlantic coast." It features a video player showing people carrying items through floodwaters. The right screenshot is for an opinion piece titled "To stop climate change, we need to open borders" by Jason Hickel, dated 23 Feb 2018. It includes a photo of hands holding a globe and text discussing global warming and migration.

Fonte: Al Jazeera.

No jornal nigeriano The Guardian o risco apareceu nos elementos de abertura em 41,6% dos conteúdos. Na matéria intitulada “*Why Lake Chad requires urgent attention*”, cujo subtítulo “*Lives of people and natural resources in northern Nigeria and the seven other African countries that rely on Lake Chad for survival are under serious threat as the climate change challenge facing the lake worsens*”, a percepção de risco é salientada indicando sua causa, a mudança climática. Neste conteúdo ‘*Government mulls new policy on internally displaced persons*’ o risco é apresentado ao longo do texto sem o uso do termo, mas atrelado a noção de crise: “*This is all part of efforts aimed at eradicating the drivers of irregular migration such as poverty, unemployment, climate change, conflicts and social inequalities*”.

Figura 7 – Conteúdos do The Guardian apresentam o risco nos elementos de abertura

The screenshot shows the top portion of a news article on The Guardian's website. The page header includes the site logo, a search bar, and a navigation menu with categories like Home, Nigeria, World, Politics, Sport, Opinion, Business, Technology, and Features. The article title is "Why Lake Chad requires urgent attention". The byline reads "By Kingsley Jeremiah and Joke Falaju" with a date of "26 February 2018 | 3:45 am" and social media sharing icons for Facebook, Twitter, WhatsApp, and Email. The main image is an aerial view of Lake Chad, showing a large body of water surrounded by a semi-arid landscape with sparse trees and some buildings. Below the image is a sub-headline in italics: "Lives of people and natural resources in northern Nigeria and the seven other African countries that rely on Lake Chad for survival are under serious threat as the climate change challenge facing the lake worsens. Kingsley Jeremiah and Joke Falaju write." The main text begins with: "The shrinking of Lake Chad, which provides food for over 40 million people in Nigeria, Cameroon, Niger and Chad and the disappearing natural resources in the lake has become a global calamity and therefore require urgent attention or else the cascading effects will worsen."

The screenshot shows the top portion of another news article on The Guardian's website. The page header includes the site logo, a search bar, and a navigation menu with categories like Home, Nigeria, World, Politics, Sport, Opinion, Business, Technology, and Guardian Life. The article title is "Government mulls new policy on internally displaced persons". The byline reads "By Terhamba Daka, Abuja" with a date of "18 December 2018 | 4:18 am" and social media sharing icons for Facebook, Twitter, WhatsApp, and Email. The main image shows a group of people, mostly women wearing colorful headwraps, gathered behind a chain-link fence. They appear to be in a crowded, outdoor setting, possibly a displacement camp or a public gathering.

Fonte: The Guardian.

No produto indiano The Quint o risco foi apresentado em todos os conteúdos. Foi destacado no título como na matéria “*Kerala's climate refugees increase as sea eats into coast*” e também no lide “*There is an urgent need for a climate change risk assessment in South Asia and South-East Asia as right now we simply do not know the risks involved*”.

Em outro conteúdo ‘*Drought in Bundelkhand Brings a Tide of Farmer Migration*’ a relação da causa da migração é evidenciada no título. O destaque também acontece através da citação de fonte “*There are few people left in village*’, *the 53-year-old said. ‘Many have moved with their families. They sold their cattle at a cut-rate prices. But some of them didn’t sell mainly because there were no buyers*””. Na matéria “*Climate Change will worsen disparities making way to conflicts*” a relação entre causa e efeito é destacada logo no título.

Figura 8 – Conteúdo do The Quint destaca o risco relacionando MCs e migração



Fonte: The Quint.

A relevância da necessidade de enfrentamento das alterações no clima é evidenciada ao se indicar suas consequências, como no trecho “*During a drought, or a potential drought, there is an increased risk that rebels and government actors recruit or cooperate with civilians in*

exchange for livelihood and provision of food (...) As climate change pushes up migration, it introduces the possibility of riots in urban areas over resources, the report said. Highlighting the case of riots in Tripura in northeastern India, it said the effects will be most felt in areas where there are already low levels of socio-political stability”.

O enquadramento do risco com destaque nos elementos de abertura dos conteúdos provenientes das regiões mais vulneráveis evidencia a importância dada ao fenômeno migratório, suas causas e consequências, na cobertura local. A saliência da noção do risco pelo fato de sua seleção para compor os elementos de abertura das narrativas jornalísticas reforça a necessidade da problemática integrar a “agenda pública” (MCCOMBS, 2009).

O jornalismo enquanto prática social legitimada a informar a sociedade sobre assuntos de interesse público coopera com a disseminação de algumas mensagens em detrimento de outras, proporcionando que determinadas percepções de risco sejam mais evidentes em dados contextos (LOOSE, 2016, p. 135). Os resultados da análise do enquadramento do risco demonstraram que os riscos atrelados ao fenômeno migratório estiveram presentes em praticamente todas as produções da amostra desta pesquisa. O risco foi construído com uso do termo ou sem a palavra de modo associado às ameaças que os extremos climáticos representam, bem como os efeitos cascata que o fenômeno migratório desencadeia em diversos segmentos da estrutura social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo buscamos identificar a saliência dada ao risco associado ao fenômeno migratório no contexto das Mudanças Climáticas em conteúdos jornalísticos publicados no ano de 2018, na mídia digital. Foram analisadas 125 matérias de produtos considerados de referência: The New York Times (USA), El País (Espanha), Al Jazeera (Qatar), The Guardian (Nigéria); e da mídia alternativa Mediapart (França), The Conversation (Austrália), The Quint (Índia) e Outras Palavras (Brasil). Este estudo empírico integrou nossa pesquisa doutoral (MORAGAS, 2019).

Objetivamos observar se a apresentação do risco seria distinta entre produtos provenientes de países que estão recebendo deslocados, de países cuja população está em deslocamento. Acionamos o conceito de frame (ENTMAN, 1993) que envolve seleção e saliência de determinado aspecto da realidade para apresentação em um texto comunicativo. De

acordo com Goffman (1974) as notícias são construídas socialmente a partir dos frames, que seriam quadros cognitivos (inconscientes) acionados pelas pessoas para compreensão da realidade. Tais frames seriam passados através do discurso jornalístico à sua audiência.

Partimos do pressuposto de que o risco é uma construção social, assim como a notícia. Para identificar o destaque dado ao risco, com ou sem o uso da palavra, operacionalizamos a análise ao reconhecer que a lógica discursiva do jornalismo é baseada na hierarquização do conteúdo a partir do critério de relevância, desta maneira, os aspectos mais relevantes tendem a ser trazidos nos elementos de abertura, ou seja, no título, subtítulo e lide jornalístico.

Os deslocamentos forçados devido a eventos de extremos climáticos configuram uma problemática que envolve a noção de risco. Embora o ato de migrar faça parte da história da humanidade, por se tratar de um instinto de sobrevivência dos seres vivos, reconhecemos que são muitas as circunstâncias envolvendo os deslocamentos humanos, geralmente existe a interação entre mais de uma força, com variação de grau de influência. Entretanto, no final do século XX e início de século XXI, um número vertiginoso de migrações humanas foi motivado em razão dos fenômenos ambientais que têm tornado imprópria, se não impossível, a vida humana em determinado espaço geográfico (WARNER *et al.*, 2009).

O índice de deslocamento global registrou 33,4 milhões de deslocamentos internos decorrentes de conflitos e desastres, em 145 países e territórios, no ano de 2019 (IDMC, 2020). Os desastres relacionados ao clima contabilizaram 23,9 milhões de novos deslocamentos. Os dados referem-se a 1.545.000 novos deslocamentos internos somente nas Américas. Os desastres representaram $\frac{3}{4}$ dos novos deslocamentos em 2020.

Atualmente, vivemos na sociedade de riscos (BECK, 2010) na qual os riscos são ilimitados e indefinidos no tempo e espaço, e atingem diversas comunidades que não necessariamente têm consciência da sua existência. Os riscos partem ainda do local para o global com capacidade de atingir a todos, mesmo que de forma desproporcional. Inclusive, quando se trata de riscos associados às Mudanças Climáticas é preciso reconhecer que a frequência de desastres ambientais está maior devido as alterações no clima, assim como pelo aumento da “iniquidade social” (GIDDENS, 2010). O autor considera que apesar dos riscos não se restringirem a determinados espaços geográficos ou a classes sociais, afetam majoritariamente os países mais pobres, ou seja, as comunidades que já estão em situação de vulnerabilidade. Desta maneira, a percepção dos riscos também pode diferir, uma vez que a

capacidade de “reflexividade” (GIDDENS, 1991) da sociedade também depende da comunicação que se faz destes riscos. Comunidades mais bem informadas sobre os riscos conseqüentemente têm mais capacidade de encontrar soluções para as circunstâncias que tornam vulnerável a sua existência.

A Comunicação de Riscos de Desastres (CRD) desempenha papel fundamental no que diz respeito à construção de comunidades resilientes, oferece parâmetros para auxiliar a governança, as agências competentes a promover ações de enfrentamento, prevenção, mitigação e/ou adaptação, buscando ainda formas mais eficientes e adequadas para informar o público em geral. A CRD é uma importante ferramenta para a redução do risco de desastres, é condição necessária para garantir o direito de todos de participar dos processos de tomadas de decisão que impactam diretamente suas vidas, ou seja, é instrumento de democratização (VICTOR, 2015).

O jornalismo tem um papel importante enquanto prática que integra a comunicação de risco: “A visibilidade que o tema ganha na esfera pública através da cobertura jornalística e o modo com o qual o tema é abordado refletem na informação (ou desinformação) do público em relação ao fato” (LOOSE, 2014, p. 22).

Neste estudo, conseguimos identificar se o risco foi salientado, com ou sem o uso do termo, nos conteúdos e de que maneira foi ordenado, se apresentado nos elementos de abertura, conferindo assim mais relevância e maior visibilidade à problemática. Observamos que a noção de risco foi apresentada em praticamente todos os conteúdos produzidos pelo corpus deste estudo, ficando de fora em apenas 3,96% da amostra. Identificamos que, com ou sem o uso da palavra, o risco esteve atrelado tanto à causa do deslocamento - os extremos climáticos como secas, enchentes, furacões, aumento do nível do mar - quanto às conseqüências do fenômeno migratório - impactos políticos, econômicos, sociais.

O risco foi salientado nos elementos de abertura em 50% dos casos no NYTimes, 46,10% no El País, 75% no Al Jazeera e 41,60% no The Guardian. Nos produtos da mídia livre e alternativa o risco foi apresentado nos elementos de abertura em 33,33% dos casos no Mediapart, 32,43% no The Conversation, 83,33% no Outras Palavras e 50% no The Quint. Nossa hipótese de que a proximidade geográfica com o fenômeno interfere na percepção do mesmo foi confirmada parcialmente, já que no Al Jazeera 75% dos conteúdos trouxeram o fator de risco atrelado às causas ou conseqüências da migração nos elementos de abertura. Entretanto,

nos outros produtos constatamos que a porcentagem foi próxima entre países que estão recebendo deslocados dos que estão com suas populações em êxodo.

Países como Afeganistão e Síria no Oriente Médio já vem sofrendo com eventos climáticos extremos como secas prolongadas que somadas a fatores políticos, sociais provocam cada vez um número maior de indivíduos deslocados. O mesmo ocorre em países da África cujas secas e aumento do nível do mar estão provocando a migração interna, aumentando a vulnerabilidade das comunidades já atingidas por problemas da ordem social, política e econômica. Os produtos jornalísticos que publicaram conteúdos sobre essas regiões tenderam a destacar o risco nas suas produções, mesmo que ao longo da narrativa jornalística, pois a proximidade geográfica é considerada um critério de noticiabilidade que em associação ao número de pessoas atingidas pelo evento tornam a problemática elegível a compor os temas considerados relevantes para figurar na agenda pública.

Os resultados obtidos neste estudo evidenciam caminhos produtivos para investigar a apresentação dos riscos relacionados às Mudanças Climáticas em conteúdos jornalísticos, podendo resultar em reflexões importantes sobre a contribuição do jornalismo para a comunicação de risco. No caso dos deslocamentos forçados pelos eventos extremos climáticos, a construção da narrativa jornalística pode contribuir ou não com a percepção dos indivíduos deslocados como risco social, econômico, por exemplo, ou como indivíduos que agregam às comunidades que passam a residir.

Futuras pesquisas podem aprofundar esta investigação ao ampliar as palavras e termos que, em associação à noção de risco, evidenciam a sua construção e podem indicar se a prática jornalística contribui às ações de governança no sentido de estabelecer comunidades mais resilientes às consequências das Mudanças Climáticas. O jornalismo enquanto prática legitimada histórica e socialmente como responsável por produzir e disseminar informação periodicamente sobre questões contemporâneas de interesse público (SCHUDSON, 2011) ocupa papel crucial na formação de uma opinião pública lúcida sobre esta que já uma Crise Humanitária do século 21 (ONU, 2015).

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977/2005.

BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco: rumo à outra modernidade**. São Paulo. Editora 34, 2010.

BELMONTE, Roberto; STEIGLEDER, Débora; MOTTER, Sarah. **Jornalismo ambiental: um discurso sobre risco e limite**. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Santa Cruz do Sul. 2014.

CANAVILHAS, João. Webjornalismo: **Da pirâmide invertida à pirâmide deitada**. Biblioteca online de Ciência da Comunicação, 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>>. Acesso em: novembro. 2017.

CARVALHO, Anabela (Org.). **As alterações climáticas, os media e os cidadãos**. Coimbra: Grácio. 2011.

DEUZE, Mark. WITSCHGE, Tamara. **O que o jornalismo está se tornando**. Dossiê Práticas Jornalísticas, vol. 4, nº 2. Parágrafo, jul-dez. 2016.

ENTMAN, Robert M. Framing: **Toward Clarification of a Fractured Paradigm**. Journal of Communication, v.43, n.4, p.51-58, 1993.

FERREIRA, Giovandro. **Notas sobre a construção do acontecimento jornalístico: do intelectual engajado ao advento da web 2.0**. In: Paulo Serra; Eduardo Camilo; Gisela Gonçalves. (Org.). Participação Política e Web 2.0. 1ed. Covilhã: LabCom Books p. 39-53. 2013.

HANNIGAN, John. **Sociologia ambiental**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GIDDENS, Anthony. **A política da mudança climática**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

GOFFMAN, Erving. **Frame analysis: an essay on the organization of experience**. London: Harperand Row, 1974.

KALIBERDA, A.; PONTES, F. S.; ROCHA, P. M. **Crêterios de noticiabilidade orientadores do agendamento do conteúdo policial com foto na capa dos jornais paranaenses Diário dos Campos e Jornal da Manhã**. Comunicação & Informação, Goiânia, Goiás, v. 21, n. 1, p. 2–19, 2018. DOI: 10.5216/ci.v21i1.41063. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/41063>. Acesso em: 8 set. 2022.

LOOSE, Eloisa Beling. **Riscos climáticos no circuito da notícia local: Percepção, comunicação e governança**. (Tese) Curitiba: 2016. 455f. 2016.

LOOSE, Eloisa Beling; LIMA, Myrian D. V. L.; CARVALHO, Anabela. **Estudo dos enquadramentos sobre mudanças climáticas no jornal brasileiro Gazeta do Povo**. In: PINTOCOELHO, Zara; ZAGALO, Nelson. (Org.). Comunicação e Cultura. III Jornadas Doutorais, Ciências da Comunicação e Estudos Culturais. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho. p.139-156. 2014.

MCCOMBS, Maxwell. **A Teoria Agenda: a mídia e a opinião pública**. Tradução Jacques A. Wainberg. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MORAGAS, Nádia. **Jornalistas e fontes no jornalismo pós-industrial: estudo empírico a partir da cobertura da migração climática em produtos digitais**. Tese. Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia. 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **AGENDA 2030. Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. [S. l.] : ONU, 2015. Disponível em: <https://www.undp.org/content/dam/brazil/docs/agenda2030/undp-br-Agenda2030-completo-pt-br-2016.pdf>.

REESE, Stephen. **Prologue-Framing public life: A Bridging model for media research**. In: *Framing Public Life: Perspectives on Media and our Understanding of the Social World*, ed. REESE, Stephen; GANDY, Oscar; GRANT, August Mahwah. N.J.: Lawrence Erlbaum. 2001.

VICTOR, Cilene. **Comunicação de risco de desastres no contexto das mudanças climáticas: muito além do jornalismo**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. RJ. 2015

VICTOR, Cilene. **A opacidade do sofrimento humano decorrente de desastres sob a perspectiva do jornalismo humanitário**. Revista Folios Faculdade de Comunicaciones, Universidade de Antioquia. Julio-diciembre. 2018.

SCHUDSON, Michael. **The sociology of news**. 2.ed. New York/London: W.W. Norton & Company, 2011.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos**. Proposta de novos critérios de classificação. Livros Labcom. 2009.

SEIXAS, Lia. **Valores-notícia uma proposta de análise**. Revista Observatório, Palmas, v. 4, n. 4, p. 334-36. 2018. <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n4p334>

SERRA, Paulo. **A mediatização dos riscos: o caso dos riscos ambientais**. 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-serra-mediatizacao.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2014.

TUCHUMAN, Gaye. **Making News: A study in the construction of reality**. The free press. NY. 1978.

WARNER, Koko; EHRHART, Charles; SHERBININ, Alex de; ADAMO, Susana; CHAI-ONN, Tricia. In: **Search of shelter: mapping the effects of climate change on human migration and displacement**. CARE International/ UNU-EHS/ CESIN – Columbia University/ UNHCR, 2009.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença. 1985.